

UMA INTRODUÇÃO À TEORIA DAS LINHAS PARA A CARTOGRAFIA

UNA INTRODUCCIÓN A LA TEORÍA DE LAS LÍNEAS PARA LA CARTOGRAFÍA

AN INTRODUCTION TO THE THEORY OF LINES FOR CARTOGRAPHY

COSTA, Luciano Bedin da
bedin.costa@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
<https://orcid.org/0000-0002-6350-2644>

AMORIM, Alexandre Sobral Loureiro
amorim.alexandre@yahoo.com.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
<https://orcid.org/0000-0002-4784-3721>

RESUMO Ao modo introdução, este artigo desdobra um aspecto do método cartográfico proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari. Trata-se da teoria das linhas, uma quase teoria que se faz no arranjo de conceitos extraídos da obra desses dois filósofos e que orienta uma pesquisa e/ou uma metodologia cartográfica pelo viés da filosofia da diferença. A cartografia, nesse sentido, tem se mostrado uma metodologia bastante recorrente nas pesquisas referentes ao campo da educação e das demais ciências humanas e da saúde, motivo pelo qual se empreende o estudo neste ensaio. As linhas — duras, flexíveis e de fuga — operam em coexistência, agindo no território a ser cartografado (e no próprio pesquisador). Cada linha tem sua funcionalidade e seus riscos, devendo o cartógrafo mapeá-las e trabalhar a favor da liberação da vida onde ela parece estar mais aprisionada.

Palavras-chave: Cartografia. Linhas. Pesquisa.

RESUMEN Como una introducción, este artículo despliega un aspecto del método cartográfico propuesto por Gilles Deleuze y Félix Guattari que corresponde a la teoría de las líneas. Esa que es una casi teoría hecha con el montaje de los conceptos extraídos de la obra de los dos filósofos, en la cual orientan una investigación y/o metodología cartográfica a través de la filosofía de la diferencia. En este sentido, la cartografía se muestra una metodología bastante recurrente en las investigaciones referentes al campo de la educación y las demás ciencias humanas y de salud, motivo por lo cual se emprende el estudio en este ensayo. Las líneas – de solidez, de segmentaridad y de vuelo – trabajan en coexistencia, actuando en el territorio a ser cartografiado (y en el propio investigador). Cada línea tiene su funcionalidad y sus riesgos, así que debe el cartógrafo mapearlas y trabajar en favor de la liberación de la vida que allí parezca estar encarcelada.

Palabras clave: Cartografía. Líneas. Investigación.

ABSTRACT In a manner of introduction, this article unfolds an aspect of the cartographic method proposed by Gilles Deleuze and Félix Guattari. It is the theory of

lines, an almost-theory that is made in the arrangement of concepts that are extracted from the work of these two philosophers and guide a research and / or a

cartographic methodology in a philosophy of difference way. The lines — hard, flexible and of flight — operate in coexistence, acting in the territory to be mapped (as in the researcher himself). Each line has its functionality and its risks, and the cartographer must map them working for life's liberation exactly where it seems to be more imprisoned.

Keywords: Cartography. Lines. Research.

1 INTRODUÇÃO

“O que te move a pesquisar?” é o título-pergunta que Scareli e Fernandes (2016) fazem para si e para os demais pesquisadores que compõem o livro em questão, uma coletânea de textos que abordam a utilização da metodologia cartográfica junto ao campo da educação.

Encontros. Encantos. Imagens. Encontros com pessoas, palavras, imagens, ideias que nos encantam e que nos movem, aumentam nossa potência de vida, potência-movimento para poder fluir/fugir da paralisia dos pensamentos prontos e das atividades-repetição (burocráticas e administrativas), cada vez mais presente na vida dos docentes universitários. (SCARELI; FERNANDES, 2016, p. 7).

Na citação acima, vários são os pontos que nos fazem pensar acerca de como estamos conduzindo nossas pesquisas acadêmicas e no quanto as nossas metodologias têm sido favoráveis a determinadas aberturas ou fechamentos ético-epistemológicos. Pensar um pesquisar a partir de “encontros” e “encantos” não nos parece algo fácil, principalmente quando a imagem dogmática do pesquisar ainda está bastante colonizada por um fazer-pensar de uma “ciência maior” (DUARTE; TASCETTO, 2013), como se a própria ideia de ciência não pudesse comportar práticas menores, inventivas, nômade e moleculares.

De acordo com Deleuze e Guattari (1992), a ciência – analisada a partir de uma perspectiva criadora – deveria ser menos inspirada pela preocupação de se unificar em um sistema atual ordenado do que pelo seu desejo de não se afastar em demasia do caos, de escavar os potenciais para apreender e também a domesticar uma parte do potencial caótico que inexoravelmente a impregna. A relação do

pesquisar com o caos traz ao gesto de pesquisa alguns indicadores éticos e metodológicos importantes. Considerando que não se trata de solucionar ou de afastar as ditas variáveis caóticas de uma pesquisa, são necessárias novas ferramentas metodológicas – dispositivos e procedimentos que permitam uma melhor negociação com o imprevisível e com o inominável.

Ao lidar com processos (e não necessariamente com resultados), a cartografia acaba por se posicionar ao lado das ditas metodologias qualitativas de pesquisa:

Enquanto método de pesquisa, a cartografia é uma das possibilidades de se estudar objetos de caráter mais subjetivos e que exigem do pesquisador a habitação de diferentes territórios, na perspectiva de transformar para conhecer, como na produção de conhecimento por meio de pesquisas participativas do tipo pesquisa-intervenção. (CINTRA et al, 2017, p. 46)

No entanto, mesmo sendo colocada no elenco das metodologias de pesquisa, entendemos que a cartografia, ao trabalhar com linhas diversas (temática movente deste presente ensaio), abre um aporte para a reinvenção, sempre que uma nova pesquisa é colocada em jogo. Consideramos, nesse sentido, prudentes as palavras de Francisco e Souza (2016) quando nos alertam para a inevitabilidade de construção e (re)construção das práticas metodológicas no campo dos estudos cartográficos.

Trazer à discussão o método da cartografia em pesquisa como uma possibilidade entre outras, visa tão somente contribuir para o fortalecimento das metodologias qualitativas que, embora já estejam consolidadas e reconhecidas quanto à validade do conhecimento por elas produzidos, serão sempre dispositivos em (re)construção a cada pesquisa que se inicia (FRANCISCO; SOUZA, 2016, p. 812).

2 A VIDA-PESQUISA EM LINHAS

Indivíduos ou grupos, somos atravessados por linhas, meridianos, geodésicas, trópicos, fusos, que não seguem o mesmo ritmo e não têm a mesma natureza. São linhas que nos compõem. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 76).

Somos cortados por linhas, em todas as direções e em todos os lados. As linhas estão presentes em todos os estratos de vida, em tudo o que habitamos, por

onde circulamos, onde trabalhamos, brincamos, amamos e experimentamos afetos. Nossa casa é dividida por linhas conforme a apresentação dos cômodos; as ruas, conforme a disposição da cidade; as empresas, de acordo com a natureza dos trabalhos e assim por diante. Deleuze (2004) dirá que as linhas são os elementos constitutivos das coisas e dos acontecimentos, sendo que cada coisa comportaria sua geografia, seu diagrama, sua cartografia. No que diz respeito às pesquisas cartográficas, o que haveria de interessante em uma pessoa, em um grupo, estabelecimento ou em uma instituição a serem cartografadas são as linhas que a compõem, ou que ela compõe, que ela toma emprestado, que ela cria.

Enquanto cartógrafos, partimos, então, para uma outra estratégia de olhar e habitar os espaços ou mesmo os estratos supostamente mais cristalizados. Diferente de um ponto, tal qual uma posição demarcada, as linhas são sempre uma articulação (material ou imaterial), um limitar ou um violar de limites nos movimentos que também buscam amplitude nos estratos. Pensar grandes estratos, como a escola, o museu, o hospital, a prisão, etc. enquanto composições de linhas implica pensar sempre em *uma* escola, em *um* museu, em *um* hospital, em *uma* prisão, e assim por diante.

O que há são entrelaçamentos inusitados de linhas; romances, tramas e dramas que se engendram às coisas e que também compõem o supostamente engendrado. A linha torna-se, pois, a possibilidade nascedoura de uma confluência, de uma dobra. Como atravessadora do fora-dentro, a linha risca o vir a ser da dobra, arriscando-se uma mudança de qualidade ou mesmo de direção – veremos, no decorrer deste ensaio, os perigos ou riscos de uma linha tornar-se a expressão de sua própria tirania.

O certo é que, sendo composicionais, a despeito de seu grau de dureza/flexibilidade, as linhas implicam inexoravelmente relações conectivas. A pergunta “qual linha está operando aqui neste território onde estou cartografando?” só faz sentido, ou somente produz sentido, quando pensada em conexão à rede de linhas que a suporta e que torna possível sua própria sobrevivência.

Constituindo a própria arquitetura da cartografia, as linhas desempenham uma parte importante na sua produção. Trabalhar com linhas envolve geografias

ficcionais não-representativas no mapeamento de territórios existenciais. Evoca-se um traçar conceitual de linhas como um aporte de novas multiplicidades a cartografar, gerando outras linhas inusitadas que, uma vez que não estejam compondo grades, serão vetores atrativos a uma escrita-produção-de-si e conseqüentemente do mundo. O ficcional da geografia em questão diz respeito ao *quantum* de virtualidades que se instaura à medida em que o pesquisador-cartógrafo se propõe a operar com o vir a ser dessas composições em linha (considerando, é claro, ele mesmo enquanto atualização de algumas dessas linhas).

Nesse sentido, como imagem ética-estética de pensamento, a linha consiste em potenciais traçados ontogenéticos, riscos em devir. Como composição de um *ethos* cartográfico, pode perder-se (ou achar-se) tornando-se um traço subserviente, acabando por gerar fórmulas e formulários, estruturas do já estabelecido ou, então, de outra feita, pode compor improbabilidades, encontros fortuitos e inéditos. Ao cartografar as linhas, ou entre-as-linhas, o pesquisador-cartógrafo acaba inevitavelmente emprestando suas próprias linhas a sua pesquisa-composição, ambos comprometidos à dispersão.

3 TRÊS TIPOS DE LINHAS

[...] diríamos três espécies de linhas. Ou, antes, conjuntos de linhas, pois cada espécie é múltipla. Podemos nos interessar por uma dessas linhas mais do que pelas outras, e talvez, com efeito, haja uma que seja, não determinante, mas que importe mais do que as outras... se estiver presente. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 76)

3.1 AS LINHAS DURAS

Somos todos, primeiramente, divididos de forma binária (DELEUZE; PARNET, 1998, DELEUZE, 2004): ou somos homens ou somos mulheres; ou somos adultos ou somos crianças; ou somos funcionários ou somos gestores; ou somos pacientes ou somos médicos; ou somos estudantes ou somos professores; ou somos artistas ou somos amadores; ou somos vítimas ou somos agressores. Trata-se da força da conjunção alternativa em nossos processos de enunciação e, por conseguinte, de subjetivação. Na lógica do binarismo, nessa espécie de espartilho subjetivante, ser (ou habitar) uma coisa implica em não ser (e em não habitar) uma

outra coisa. O problema, no entanto, não está tanto no não ser (ou no não habitar), mas na oposição que se coloca entre esses dois termos, oposição carregada de valores e de moral. Han (2017a) nos ajuda a pensar a questão no que chama de “macrológica da violência”, na qual a negatividade do não ser (ou do não habitar) o outro implica uma violência do fora, da tensão entre ego e alter, violência enquanto experiência de fissura que não admite intermediação ou fluxo entre os espaços, alimentada por tecnologias supostamente relacionais mas que subjagam o outro, que (re)conhecem o outro na condição de que este seja torcido por meio do torniquete dele mesmo.

Tom Zé, compositor tropicalista, soube bem expressar a macroviolência de subjetivação operada quando as linhas duras se sobrepujam às demais, tal como em sua música *Dodó e Zezé*: “— E por que é que a gente tem que ser marginal ou cidadão? Diga, Zezé — É pra ter a ilusão de que pode escolher, viu, Dodó?” (TOM ZÉ, 1973)

Percebe-se que as divisões binárias são duras, que se assentam em estratos endurecidos e que também endurecem esses mesmos estratos. Operam por circularidades (em círculos que se expandem ou diminuem): do meu quarto, passo para minha sala; da minha casa, passo para o meu bairro; do meu bairro, passo para o bairro seguinte; da minha cidade, para a outra cidade; do meu estado, para o outro estado; do meu país, para o país vizinho. Operam também por linearidades (em linhas retas): da educação infantil, passo para a educação fundamental, depois para o ensino médio, depois para a faculdade, depois para o trabalho e depois para a casa novamente. Esses blocos mais ou menos duros criam códigos para cada território assumido em vida: agora sou um bebê e agora estou no meu quarto; agora sou uma criança e estou na escola; agora sou uma adolescente e estou no *shopping*; agora sou um homem e estou na empresa; agora sou uma mulher e estou na ginecologista; agora sou uma estudante e estou na universidade; agora sou um empregado e estou indo para firma; agora sou um gestor e estou com meus empregados; agora sou um desempregado e estou na rua, etc. Na relação entre circularidades e linearidades, os processos de subjetivação vão se complexificando: um mesmo território comporta múltiplas passagens; uma passagem pode se dar em

diferentes espaços, fechando-se, ao mesmo tempo, a múltiplas entradas. Por exemplo, tornar-se um adulto homem implica em obter determinadas permissões espaciais (e, conseqüentemente, privilégios), reforçando (ao que equivale dizer, tornando-se mais forte por meio da repetição) o agenciamento entre tais linhas endurecidas.

O interessante é que, mesmo a despeito da micro ou da macroviolência operadas, quanto mais dura for a linha mais ela supostamente nos tranquiliza. Ser um estudante universitário, por exemplo, implica em ajustar-se a uma série de dispositivos oferecidos pela nossa cultura acerca de como um estudante universitário deva ser para que seja um estudante universitário. Ainda que pareça um exercício retórico, ou mera tautologia (ser algo é igual a ser este algo), esse suposto jogo ontológico de espelhos (do ser algo enquanto ajuste ao que se espera que seja este algo) produz um encantamento por ele próprio e o estilhaçamento da alteridade em seu sentido mais radical.

Voltemos à violência anunciada por Han (2017b), na qual, mesmo sendo uma fabricação, o ego impõe que o outro se ajuste a ele como supostamente menos irreal. De acordo com Deleuze e Parnet (1998), esse seria um dos grandes perigos das linhas binárias: nos colocarem em fascínio por um mesmo modo de ser e nos fazerem acreditar que a vida (ao que equivale dizer “a nossa vida”) é essa sucessão binária de estratos na captura do outro.

Essas linhas binárias são também denominadas linhas duras (DELEUZE; PARNET, 1998, DELEUZE, 2004), ligadas à memória, ao passado, à moral, à história. As linhas duras demarcam identidades, deveres, hábitos, convenções, opiniões cristalizadas, enfim, representam os modos mais seguros e violentos de existência. São linhas mantidas por mecanismos de controle e captura, sempre disponíveis ao reconhecimento, às valorações morais acerca de bem ou mal, de melhor ou pior, de menos ou mais desenvolvido, e assim por diante. Impedem a irrupção do novo porque o que está em jogo é a reprodução de territórios e a manutenção deles. De tendência veementemente arborescente, as linhas molares produzem efeitos a partir da reprodução: “tem-se um porvir, não um devir” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 67).

As linhas duras (ou molares) são composições (e componentes) de segmentaridades rígidas. Poderíamos incluir aqui as categorias hierárquicas binárias (sexuais, políticas, institucionais, sociais, etc.). Essas são as oficiais — as linhas do “oficial” — que se organizam em territórios e movimentos de estratificação, contendo e organizando fluxos dispersivos de desejo em regimes e padrões administráveis. Quando aparecem em uma fala (oralizada ou escrita), inscrevem valor moral e sentido ao invés de interações e encontros. Esse potencial agrimensor pode ser espacial, como no caso da institucionalização de zoneamentos urbanos ou fronteiras, ou mesmo temporal, como na definição de rotinas ou na demarcação de fases cerimoniais da vida tais como casamentos, formaturas ou funerais. As linhas duras, costumeira(s) com seus segmentos, operam como um desenho de resultado predeterminado, como os traçados em um jogo de ligue-os-pontos¹ (Figura 1): “Colaboram na mais dura empresa de controle, na mais cruel, mas como não experimentaríamos uma obscura simpatia pela atividade subterrânea que lhes é revelada?” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 76-77).

1 O jogo de ligue os pontos (ou jogo de ligar os pontos ou ainda apenas liga-pontos) é um jogo de desenho infantil no qual, numa folha de papel, estão dispostos pontos numerados em ordem crescente que, se seguidos pela ponta do lápis de maneira contínua, acabam por revelar o contorno de uma figura que já estava lá, aguardando para revelar-se.

Figura 1 - *Connect-the-dots* (com intervenção em caneta vermelha)



Fonte: Waller, 2010.

3.2. AS LINHAS FLEXÍVEIS

Para que a vida possa se constituir, é preciso que os territórios mais endurecidos possam ser desmanchados. Em prol de uma vida enquanto criação, Deleuze e Parnet (1998) apresentarão dois outros tipos de linhas: as linhas flexíveis

(moleculares) e as linhas de vôo (ou de fuga). Embora não demarquem nenhum território específico (os territórios são demarcados pelas linhas duras²), as linhas flexíveis são responsáveis pelos pequenos desvios nesses mesmos territórios. De acordo com os autores, as linhas flexíveis traçam pequenas modificações, fazem desvios, delineiam quedas ou impulsos. As linhas flexíveis produzem pequenas rachaduras nos territórios mais endurecidos, causando pequenas mutações no já estabelecido, no que está marcado ou prometido às repetições sintomáticas. As mudanças e os movimentos causados por essas linhas são, em sua maioria, imperceptíveis à linguagem e mesmo ao olhar.

Em justaposição à macropolítica (instaurada pelos joguetes de poder), dá-se os bramidos, as ranhuras e os rumores micropolíticos operados pelo desejo. Nessa molecularidade flexível, os vetores do movimento mudam constantemente à medida que encontra outros movimentos e com eles agencia, como um choque de partículas. É, portanto, a outridade, os territórios relacionais dos encontros (e não a identidade específica do mesmo) que traça o plano existencial das linhas flexíveis. Contra a essencialidade rígida, dura, molar que um corpo (escrito, traçado, pesquisado, experimentado) de fato é, evoca-se aqui o que esse corpo (ou corpos) pode produzir. Troca-se, então, as imagens significantes binárias (ou-ou) pelas imagens de pensamento sintéticos-disjuntivas (e...e...e), movimento este de suma importância ao cartografar.

No traçado das linhas flexíveis temos corpos difusos, dispersos. Um amontoado de conexões múltiplas em uma movimentação infinita, sendo a todo tempo (e em todo espaço) afetantes e afetadas. Nos territórios nos quais as linhas rígidas traçam contenções paralíticas para a manutenção dos organismos, as linhas flexíveis fazem irromper um dismantelamento potencial. Perde-se paulatinamente as noções equilibradas de pontos definidos de entrada/saída e início/destino. Ao invés de formas, traçam-se fluxos. O jogo de ligue os pontos passa a interessar menos pelas formas que ele suscita e mais pelos gestos dos seus jogadores. As

2 Ainda que os territórios sejam transitórios e efetivamente movimentados pelos traços e pelas marcas moleculares, a de/marcação (este marcar novamente, outra vez) nos parece resultado do tensionamento operado pelas linhas duras. A demarcação se faz, portanto, por um exercício do poder, da ordem do maneirismo (quando mais brando) ou mesmo de um sintoma territorial (quando mais enraizado).

linhas flexíveis, “com seus *quanta* que a fazem pender para um lado ou para outro”, são como o traçado de um rascunho³ (Figura 2): um arranjo sempre oscilante “como se (...) hesitasse entre duas vertentes” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 76-77), a fuga ou a captura.

Figura 2 - Processo criativo da Divisão Regular No. 67 *Horsemen* de M. C. Escher em 1946



Fonte: Schattschneider, 1990.

3.3 AS LINHAS DE VÔO

A última linha na tríade evoca o desejo como um romper com protocolos: a criação, uma fuga decisiva. Desse modo, são vetores que desafiam radicalmente as capturas apriorísticas dos métodos, as categorizações, as classificações, os

³ O rascunho é um vestígio, um refugio, um inacabamento, um abandono potencial. Traçar um rascunho e planejar algo já sabendo que aquilo provavelmente não vai perdurar. Um desenho em rascunho é composto pelo traçado de linhas peremptoriamente provisórias e ambíguas, que podem ao final pender para uma produção livre ou um constructo enclausurado.

juízos morais. Isso significaria dizer que a sua “verdade” não é inerente aos seus objetivos ou resultados, mas substancia-se em limites flutuantes e imprevisíveis, nos encontros com as dobras de um “fora” com o qual se conectam, se ativam e se transformam. Assim, os agenciamentos (em uma pesquisa, em uma cartografia, em uma vida) são potências de transformações existenciais, na medida em que conseguem produzir linhas de vôo (ou de fuga).

Uma linha de vôo não segue nunca o trajeto fixo de um roteiro a um destino determinado. Destarte, estas (ar)risçadas linhas não se propõem a (ou mesmo não seriam capazes de) desenhar predições, posto que traçam (e apenas existem traçando) insistentes movimentos desacoplados (e desacopladores) das exigências sistêmicas de imitar, reproduzir ou assimilar a realidade. Constituem-se em vetores de fuga livre: não se foge, portanto, de algo que se apresenta como uma ameaça externa, mas antes liberta-se o desejo dos esquemas de controle representacionais predefinidos, fazendo-o fugir livremente, como um “voar para fora da asa” (BARROS, 2010, p. 302).

As linhas de voo são, então, como desenhos cegos⁴ (Figura 3, Figura 4 e Figura 5), sobrevoando contornos mais grosseiros sem a estes prestar suas contas. Assim como esses desenhos são os gestos (e não necessariamente os olhos) que guiam seus movimentos. No entanto, por não se guiarem às coordenadas do olhar, há sempre uma linha que escapa, uma farpa de contorno que não se fecha, uma zona difusa de entrelaçamentos que faz da imagem uma superfície de forças para formas possíveis.

4 Um desenho cego é uma experimentação artística na qual o desenhista abre mão do controle de seus próprios olhos na tentativa de materializar em seus traços (linhas) uma produção na qual sua criatividade não é mais mediada hierarquicamente, compondo, assim, de maneira inesperada e imprevisível, processo e obra.

Figura 3 – Domingo.



Fonte: Viaceli, 2018 ⁵.

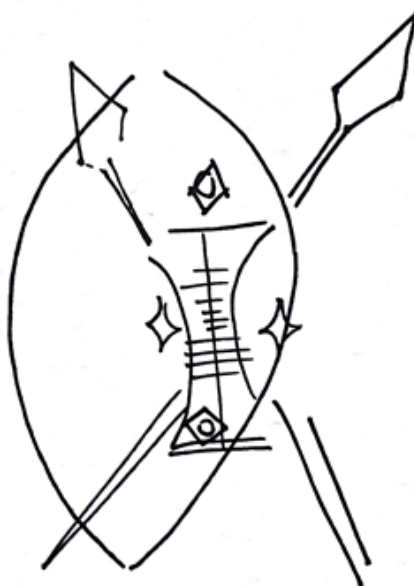
⁵ Relato da artista acerca da obra, cuja fonte é uma troca de e-mails com os pesquisadores: “Num domingo que dormi muito, recebi uma mensagem. Por volta das 20h, agarrei os retalhos de papel canson, as três hidrocores preferidas, acendi a luz do abajur e, debruçada sobre a mesa branca, baixei nos olhos a faixa preta com bolinhas brancas que uso na cabeça. A mão não sabia que cor estava usando e conhecia os limites do papel pelo tato. Os desenhos eram interrompidos quando a mão mandava. Teve momento que quis espiar, mas não espiei. Teve momento que eu fiquei nervosa, mas respirei. Era fácil perder a linha e a noção de espaço da folha. Onde está o fim da cabeça? Onde deixei o pé? As imagens que estavam no escuro, assim que reveladas, eram sempre levemente outras e estavam muito seguras de sua existência. Entre uma abertura de olhos e outra eu fumava e tomava café”.

Figura 4 – Tédio



Fonte: Beidacki, 2018.

Figura 5 – Guerreiro



Fonte: Beidacki, 2018.

Embora constituam movimentos diferentes, as três linhas não podem ser pensadas separadamente — elas ora coexistem, ora se alternam, ora se misturam, ora se excluem. Ninguém ou nenhum território é composto apenas por

uma linha — por mais duro que seja, sempre haverá linhas flexíveis rompendo com a dureza e linhas de fuga forçando novas configurações. Se das linhas duras podemos dizer muitas coisas (a linha dura é a linha das identidades, da identificação e do reconhecimento), da linha flexível podemos apenas ouvir rumores e silêncios. As linhas de fuga, enquanto “vassouras de bruxa” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 23) são capazes de nos levar a paisagens desconhecidas; quando os voos são mais bruscos, às vezes não nos reconhecemos. Não se reconhecer significa não reconhecer as demarcações do próprio território, suas marcas, seus sulcos e rastros, colocando-o à micro ou à macro condição de deriva.

4 OS RISCOS DE CADA LINHA

Enfim ainda o último problema, o mais angustiante, referente aos perigos próprios a cada linha. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 80)

Em cada tipo de linha há um perigo: para cada linha um risco (ou mais). Quando as linhas duras estão excessivamente fortes, há o perigo do congelamento, da cristalização da identidade, da violência contra tudo o que é diferente, da hostilidade em relação a tudo que é estrangeiro ao meu território. Há, igualmente, o perigo do juízo moral excessivo em relação ao que é certo e errado, bom ou mau — tudo o que não faz parte do meu território passa a ser desqualificado, tudo o que não está no meu critério de valor é visto como moralmente equivocado. Essa seria uma “postura fascista” (DELEUZE; PARNET, 1998, DELEUZE, 2004), algo muito recorrente em nossas vidas e que representaria o maior perigo das linhas endurecidas.

A exacerbação das linhas duras produziria, então, o que Han (2017b) chama de “paradigma imunológico”, uma posição de sujeito que se afirma na negatividade do outro e na positividade do modo uno de ser. No campo da imunologia, o outro, visto como inimigo em potencial, deve ser mais possivelmente controlado para que as defesas não sejam pegadas de surpresa. Não obstante, em uma brutal sociedade de captura como a nossa, que a todo tempo captura e capitaliza o diferente de nós, o alvo da defesa imunológica não seria mais a estranheza ou a alteridade como tal, mas a intromissão estranha, aquilo que se furta até mesmo ao nome, aquilo que

passa indiferente às bulas, aos códigos, aos compêndios de classificações e a todo tipo de tarja de controle.

Em uma sociedade como a nossa, as linhas flexíveis são extremamente perigosas. Em geral, são as responsáveis por fissuras que, se não forem conduzidas com prudência, podem promover rupturas não suportáveis. Como infiltrações hidráulicas nas paredes, costumam ser percebidas quando o estrago já foi feito, quando os canos de cobre ou PVC já se mostram corroídos ou danificados. Na maioria dos casos, não basta apenas pintar a parede. É preciso estudar seu mapa hidráulico, a geometria dos seus fluxos, movimentos, as canalizações e os vazamentos. Os mofos — bolores resultantes da umidade excessiva dos micro ou macro vazamentos — espalham-se com o trabalho do tempo.

O fascismo da linha flexível é resultado de sua operação quase imperceptível. O que está em jogo não é a negação do outro (operação das linhas duras), mas o outro enquanto portador de um mofo irreduzível às identidades. No entanto, o que é estranho ao olhar pode ser benéfico ao corpo, como os próprios fungos (mofos)⁶. As linhas flexíveis são também linhas fúngicas, imprimem à cartografia-pesquisa zonas de indiscernibilidade: ao invés de fronteira, de pontos ou contornos demarcáveis, expressam arriscadas geografias situacionais capazes de fazer o mais imponente muro de poder ruir.

O terceiro tipo de risco é o das linhas de fuga, capaz de promover rupturas radicais, abrindo o território para novas configurações. Apesar de ser a linha expressiva da mutação, é preciso ter prudência em relação às linhas de voo, pois às vezes a fuga pode representar a abolição total do território (DELEUZE; PARNET, 1998). A fuga, se não assumida com prudência, pode se tornar fatal, arruinante. Os movimentos de voo são o onde-quando a criação se dá, mas esta (como criação de si, criação de um corpo-outro, sem órgãos) carrega igualmente sempre o perigo do aniquilamento da potência da vida, conduzindo a acontecimentos por vezes disruptivos, tais como a loucura, a violência, o suicídio, a dependência e a morte.

6 Alguns fungos podem causar mal à saúde humana, no entanto algumas espécies de bolor são benéficas, sendo muito utilizadas na produção dos chamados queijos-azuis (Gorgonzola e Camembert), bem como em medicamentos antibióticos (como as penicilinas e cefalosporinas).

5 TRAÇANDO UMA CARTOGRAFIA COM LINHAS

Qual linha você interrompe, qual você prolonga ou retoma, sem figuras nem símbolos? (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 77)

Se formos olhar um mapa, veremos que, além de cores, o que necessariamente predomina são as linhas. De um modo ainda mais simples diríamos que um mapa é feito por linhas. Através do traçado de linhas, de recortes e cruzamentos, espaços são configurados, distâncias são produzidas em limites e vizinhanças e através dessas linhas acabamos conhecendo de uma outra forma o lugar onde habitamos.

No mapa de nossa cidade, as linhas nos dão uma outra imagem para aquilo que cotidianamente percorremos. No mundo onde vivemos, os limites geográficos praticamente não existem: saímos de uma rua e entramos em outra e a paisagem geralmente é a mesma. Caso não haja algum pórtico ou placa, nada indica que estamos saindo de nossa cidade e entrando em outra. Em um mapa estamos sempre dentro de alguma coisa. Se saímos de um bairro é porque já entramos em outro. De certa forma, as linhas de um mapa nos oferecem um segundo tipo de aventura, um mundo criado pelas mãos dos geógrafos, que muito de semelhança há com o nosso, mas que não é, definitivamente, a mesma coisa que o nosso.

No que diz respeito aos territórios que cartografamos em nossas pesquisas, as linhas também serão fundamentais. Não há cartografia – existencial, estética, educacional, desejante, política, afetiva (...) – que não trabalhe com linhas, com os três tipos de linhas. As linhas constituem e desmancham territórios o tempo todo. Não há território algum que seja inteiramente estável, porque não há somente linhas duras, estas sempre carregam fissuras e fugas, mesmo que as entendam como inimigas ou que não consigam percebê-las. A estabilidade ou o fechamento de um território é, pois, uma ficção. Caberá ao cartógrafo-pesquisador, além do artifício técnico-teórico-instrumental necessário, a prática de uma outra sensibilidade que consiga emprestar passagem aos fluxos, às fissuras, aos mofos e às rachaduras do território a ser cartografado.

Se formos entender a cartografia enquanto metodologia, precisamos pensar nas perguntas que ela pode nos ajudar a oferecer. Ao invés de perguntar pela essência das coisas, o cartógrafo pergunta pelo seu encontro com as

coisas durante sua pesquisa. No lugar de o que é isto que vejo? (pergunta que remete ao mundo das essências), um como eu estou compondo com isto que vejo? Este segundo tipo de pergunta nos direciona ao processo, entendendo o cartógrafo enquanto criador de realidade, um compositor, aquele que com/põe na medida em que cartografa. (COSTA, 2014, p. 68).

É nesse sentido que, ao problematizarmos a teoria das linhas, estamos problematizando o próprio agir do cartógrafo em seu processo de pesquisa-cartografia. Sendo um método (*metá-hódos*) ou sua reversão (*hódos-metá*) (PASSOS; BARROS, 2015), o que parece estar em jogo em uma cartografia é o trabalho entre (e com) as linhas, o que Deleuze e Parnet (1998) designaram como política. Em uma cartografia, o que está posto em cena é, sobretudo, posições de disputa entre as linhas, seus pactos simbólicos (de unificação) e também diabólicos (de disjunção), suas zonas criativas de convergência, como também seus riscos, suas interrupções, seus fechamentos.

Enfim, é no trabalho com as linhas que o pesquisador-cartógrafo garante certa mobilidade, que adquire para si (e para o mundo) a potência de ver, perceber, sentir e analisar territórios possíveis para além dos mapas disponíveis *a priori*, territórios potencialmente abertos ao fora que os constitui. “Meus territórios estão fora de alcance, e não porque sejam imaginários; ao contrário, porque eu os estou traçando” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 72).

6 PARTIR, EVADIR, FUGIR, TRAÇAR...

Partir, se evadir, é traçar uma linha [...]. Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia. (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 49)

Partir, evadir, fugir, traçar. Em seu agir, o pesquisador-cartógrafo precisará estar atento a esses verbos – seja para ele mesmo (seu território existencial), seja para o(s) territórios(s) que está cartografando. Cartografar é debruçar-se sobre o território sabendo que ele é movediço, que existem linhas de força que fazem com que ele se mantenha como está, linhas que, por vezes, tensionam as rachaduras e os mofos, linhas que operam voos rasantes ou mesmo cósmicos. O que a cartografia persegue, a partir do território existencial do pesquisador, é o rastreamento das linhas duras, da ordem das identidades fixas e dos territórios

sedimentados, ao mesmo tempo em que também vai atrás das linhas flexíveis e de fuga, das desterritorializações, da eclosão do novo, do inaudito, do até então não visto ou mesmo pensado.

Todavia, em contraponto à própria lógica do desejo na contemporaneidade, na qual a novidade é vendida como banalidade maior, na cartografia há o que poderíamos chamar de atração pelo vago, por aquilo que não se presta a uma posição ou definição *a priori*, dado que o que se deseja é um certo direito a vagar. Essa posição é defendida por Deligny (2015), um dos grandes interlocutores de Deleuze e Guattari para a própria proposição da cartografia e do que aqui chamamos de quase teoria das linhas.

Melhor seria falar da atração pelo vago. Vago é uma palavra que parece ter origens díspares, o que confere vastidão e diversidade ao eco que ela produz. Vaga é a onda na superfície da água, vago é o espaço vazio, o que o espírito tem dificuldade em apreender, enquanto vagar é andar ao acaso. (DELIGNY, 2015, p. 19).

Aliás, é em função do novo e da potência de criação diante do vago que o cartógrafo conduzirá sua cartografia. No entanto, ao traçar sua cartografia estará atento aos trajetos costumeiros e, sobre esse fundo, as linhas de errância e os traços de trajetos cujos passos acabam sempre nos escapando. Em outras palavras, trata-se de sistemas lineares, título da poesia de James do Bonde (2010), abaixo transcrita:

Linhas tortas
Torneadas
Linhas de caminhos conflitantes
Linhas esboçadas
Rabiscadas
Determinadas
Linhas que no todo
Nada exprimem
Vagarosas, vagas, viciosas
Lembranças
De um viver
Um torto viver
Viver conflitante
Linhas
Vidas
Tortas.

Como a vida, a cartografia compõe esse torto viver. Enquanto método de pesquisa intervenção, intervém sempre no espaço. É no espaço que ela se torna possível e que os possíveis do espaço são acionados. Os desvios, pensados na perspectiva do espaço (e não necessariamente dos sujeitos que nele se constituem), já são um agir, um agir impessoal, ação das linhas de força no ténue e tenso da coexistência. No âmbito da pesquisa, cartografar evoca o que Deligny tão misteriosamente chama de “comunismo primordial” (DELIGNY, 2015, p. 85), aquele que existe e persiste, mas que vem de tão longe que o homem ali não se encontra, ao passo que, evidentemente, ele ali se acha.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizamos este ensaio com as palavras de Mossi e Oliveira (2014), quando nos atentam ao uso das metodologias cartográficas na tentativa de composição de outros planos possíveis ao pesquisar no campo das ciências humanas, das artes e da saúde. Para além de um simples método subversivo, o que propõem é pensar o viés cartográfico pela ótica da composição, respeitando a multiplicidade de olhares e fazeres que refletem a contemporaneidade do pesquisar no universo acadêmico. Trata-se, segundo os autores, de:

(...) refletir acerca de possíveis inflexões ofertadas pela proposta metodológica amplamente conhecida como Cartografia, tomando por base que as pesquisas na contemporaneidade não teriam mais por que renunciarem drasticamente a um passado ou se chocarem de frente com certas perspectivas de trabalho – algo que é bastante justificável em determinado momento histórico, mas que perde força se pensarmos na pluralidade de pensamentos presentes atualmente nos mais variados campos do saber – mas assegurar reflexões implicadas em promover o diálogo entre diferenças sem, no entanto, sucumbi-las em níveis iguais. (MOSSI; OLIVEIRA, 2014, p. 188).

O que pensamos quando na proposição deste ensaio acerca da quase teoria das linhas em Deleuze e Guattari, foi oferecer ao leitor-pesquisador algumas pistas conceituais para empreender seus estudos pelo viés cartográfico, tornando-o, talvez, mais atento em relação aos encontros e encantos que inevitavelmente se atualizam sempre que uma pesquisa é posta em movimento.

LUCIANO BEDIN DA COSTA

Psicólogo, docente do Departamento de Estudos Básicos – DEBAS e da Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Coordenador do Grupo Políticas do Texto.

ALEXANDRE SOBRAL LOUREIRO AMORIM

Médico sanitarista. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Mestre em Saúde Coletiva pela UFRGS. Atua como Tutor do Programa Mais Médicos para o Brasil.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.

BEIDACKI, C. S. *Guerreiro*. 2018. Gravura, nanquim sobre papel, 21x15 cm.

BEIDACKI, C. S. *Tédio*. 2018. Gravura, nanquim sobre papel, 21x15 cm.

BONDE, J. Sistemas Lineares. In: *Blog Inteligência frívola*, 2010. Disponível em: <<https://inteligenciafrivola.blogspot.com/2010/11/sistemas-lineares.html>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

CINTRA, A. *et al.* Cartografia nas pesquisas científicas: uma revisão integrativa. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 29, n. 1, p. 45-53, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/fractal/v29n1/1984-0292-fractal-29-01-00045.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2019.

COSTA, L. B. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. *Revista Digital do LAV*, Santa Maria, v. 7, n. 2, p. 66-77, mai./ago.2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111/pdf_1>. Acesso em: 25 mar. 2019.

DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2004.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. v. 3.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

DELIGNY, F. *O aracniano e outros textos*. Tradução de Tradução: Lara de Malimpensa. São Paulo: n-1 edições, 2015.

DUARTE, Claudia Glavam; TASCHETTO, Leonidas Roberto. Ciência Maior e Ciência Menor: ressonâncias da filosofia de Deleuze e Guattari na Etnomatemática. *Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia*, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 105-118, abr. 2013. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/view/37933/28961>>. Acesso em: 03 jun. 2019.

FRANCISCO, A. SOUZA, S. O método da cartografia em pesquisa qualitativa: estabelecendo princípios... desenhando caminhos.... *Atas-Investigação qualitativa em saúde*, v. 2, p. 811-820, 2016. Disponível em: <[file:///C:/Users/gigabyte/Downloads/826-Texto%20Artigo-3264-1-10-20160706%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/gigabyte/Downloads/826-Texto%20Artigo-3264-1-10-20160706%20(1).pdf)>. Acesso em: 29 mai. 2019.

HAN, B. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017a.

HAN, B. *Topologia da violência*. Petrópolis: Vozes, 2017b.

MOSSI, C. OLIVEIRA, M. Cartografia como estratégia metodológica: inflexões para pesquisas em educação. *Conjectura: Filos. Educ.*, Caxias do Sul, v. 19, n. 3, p. 185-198, set./dez. 2014. Disponível em: http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/2156/pdf_298. Acesso em: 29 mai. 2019.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SCARELI, G. FERNANDES, P. (orgs). *O que te move a pesquisar? Ensaios e experimentações com cinema, educação e cartografia*. Porto Alegre: Sulina, 2016.

SCHATTSCHEIDER, D. *Visions of symmetry: notebooks, periodic drawings, and related work of M.C. Escher*. New York: W.H.Freeman & Co Ltd, 1990.

TOM ZÉ. Dodó e Zezé. In: TOM ZÉ. *Todos os olhos*. São Paulo: RCA Records, 1973. 1 disco compacto (36 min.).

VIECELI, A. P. *Domingo*. 2018. Caneta hidrocor colorida sobre papel, 21x15 cm.

WALLER, W. *Connect-the-dots*. 2010. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Connect_the_dots>. Acesso em: 26 mar. 2019.